

## Usos epistêmicos do condicional na diacronia do português (séculos XIV a XVI)

Maria Teresa Brocardo – NOVA FCSH / CLUNL

Nesta comunicação irei descrever usos do condicional que evidenciam um funcionamento modal-epistémico em construções (formalmente) não condicionais, atestados em fontes textuais dos séculos XIV a XVI.

Em perspetivas sincrónicas, este tipo de usos do condicional em português (europeu) contemporâneo é brevemente descrito nas gramáticas (por exemplo, Marques 2013: 685-688) e tem sido em particular objeto de estudos que descrevem dados de textos de carácter jornalístico (Duarte 2009, Oliveira 2015). Noutras línguas românicas, o tema tem também suscitado discussão, por exemplo, em torno da definição das categorias relevantes – modalidade epistémica, evidencialidade, mediativo (Dendale 2010, Kronning 2005, entre muitos outros), também com trabalhos de carácter histórico ou comparativo (Celle 2007, Vatrican 2010, Dendale 2014, Kronning 2016), que, porém, não incluem o português.

Com a presente proposta pretendo, na sequência de outros trabalhos (Brocardo 2006), contribuir para alargar e aprofundar, com dados da diacronia, os estudos sobre o condicional em português, discutindo hipóteses para uma unificação dos diferentes valores marcados por formas deste paradigma. Em termos mais específicos, pretendo determinar que diferentes tipos de fatores contextuais estão associados à emergência de valores caracterizáveis como epistêmicos, evidenciando a interferência, para a marcação desses valores, da coocorrência de diferentes formas ou construções.

Os dados foram recolhidos em testemunhos dos séculos XIV a XVI, selecionados em função da datação dos testemunhos remanescentes (excluindo textos apenas conservados em cópias tardias) e da fiabilidade das edições, correspondendo a textos de carácter historiográfico ('crónicas' e outras narrativas históricas), género cuja variabilidade de tipos de discurso à partida mais propiciará a ocorrência de formas com o tipo de funcionamento que se pretende estudar. Como exemplificação breve, vejam-se (1) e (2), em que é gerado um valor de 'não certo' que incide sobre uma quantificação, quer se atribua a validação do conteúdo da proposição a uma entidade diferente do enunciador (1), quer seja o sujeito / narrador que marca a sua não total validação do expresso (2). A leitura epistémica do condicional parece estar também relacionada ou depender de outros fatores contextuais, como a coocorrência, em diferentes estruturas, de formas de valor inerentemente epistémico, como o verbo *crer* (3) ou o adverbial *pervemtura* (4).

(1) *El fezeo asi foise alem mar e jütou Cento e xx mil caualeiros e grãde auer que poserõ que seeria viijc e L. camelos caregados d'ouro.* [séc. XIV]

(2) *Mas, como os mouros semtyrão que os cristãos nom queriam deçer, descobriram-se todallas çilladas, em que averia de mouros, amtre hũs e outros, ate XX.* [séc. XV]

(3) *E isto creo eu muyto alto princepe que serya por que nom auya muytos dyas que o uirees acabar suã uida antre os mouros por defensom de uossa pessoa na serra de Benacofu.* [séc. XV]

(4) *Soomemte vos amoesto e rrequero que todos vossos feitos sempre sejam com todo bõo rregimemto (...) e ho comtrario dana muito e empeçe, caa ja ouviriaes, ou pervemtura verieis, muy gramdes esperemças de semelhamtes feitos.* [séc. XV]